

Um autor que se renova DEZ ANOS DEPOIS

Em cartaz com o espetáculo 'A outra cidade', em que reflete sobre o fim dos tempos sob a ótica de um menino, o dramaturgo e diretor Pedro Brício celebra uma década da criação da Cia. Zeppelin e da primeira peça que escreveu

LUIZ FELIPE REIS
luiz.reis@oglobo.com.br

Ao entrar em cena como ator ou percorrendo os bastidores, como diretor, Pedro Brício geralmente tem a impressão de estar cercado por espectros.

— O teatro é um lugar que você convive com certos fantasmas, né, espectros que vivem nesses espaços há tempos — diz. — Uma arte com mais de dois mil anos carrega esse tipo de coisa, o elemento histórico é muito presente. E o nosso trabalho até aqui, de alguma forma, sempre dialogou com essa história, com esses fantasmas do teatro. Já agora, sinto que há um corte.

Ele se refere à peça “A outra cidade”, seu mais novo texto — em cartaz desde sexta-feira passada e que segue até 17 de novembro no Teatro 1 do Centro Cultural Banco do Brasil. A direção também leva sua assinatura. Nessa dupla função de autor-encenador, Brício consegue visualizar desvios e rupturas entre o novo escrito e as fornadas anteriores, trabalhadas com a Cia. Zeppelin — fundada há dez anos por Isabel Cavalcanti, Tomás Ribas, Rui Cortez e Brício —, que também celebra os seus dez anos como dramaturgo, desde a estreia de “O homem que era sábado” (2003).

— Na primeira peça, essa relação com a história do teatro não era tão forte quanto nas posteriores, em que fazíamos uma espécie de revisão de certos gêneros — comenta.

DIÁLOGO COM OS GÊNEROS

Se em “O homem que era sábado” havia um flerte com o teatro do absurdo, via Beckett; “A incrível confeitaria do Sr. Pellica” (prêmio Shell de melhor autor, em 2005) fazia referências diretas à comédia francesa. “Cine-Teatro limite” (indicada ao Shell de melhor autor, em 2008) distorcia o teatro de revista e as comédias ingênuas e ligeiras criadas no Brasil dos anos 1940, em plena ditadura Vargas; e “Me salve, musical!” (prêmio Qualidade Brasil), como o título indica, povoava a cena com uma bem-humorada sátira aos musicais.

— Esse diálogo com os gêneros marcou os nossos trabalhos e a identidade da companhia de alguma forma — diz



DIVULGAÇÃO/ANA ALEXANDRINO

Na companhia de Pedro. O autor e seu grupo deixam de lado a revisão de gêneros e criam peça menos marcada por traços culturais



DIVULGAÇÃO/ALCINOIO GIANDINOTO

Filho e mãe. Bernardo Marinho e Ludmila Rosa: passeio pelas fronteiras do que é real

o autor. — Retrabalhávamos os gêneros a partir de um olhar contemporâneo, como uma espécie de reatualização. Eles eram meio que pontos de partida. No fim, desestabilizávamos suas estruturas. Mas, agora não. Vejo em “A outra cidade” uma natureza própria. Ela não é um espelho nem plataforma de discussão sobre um gênero.

Outra mudança instalada no novo trabalho reside no modo como Brício harmoniza drama e humor em cena. Se as montagens anteriores eram classificadas por ele como comédias dramáticas — “Eram comédias que davam errado, o humor e o drama vinham daí...”, diz —, “A outra cidade” ganha o rótulo de “drama cômico”. O que significa dizer que a base sobre a qual a dramaturgia se desenvolve é marcada por situações dramáticas,

de instabilidade emocional e psíquica, causadas por uma tragédia iminente. Como é o mote de “A outra cidade”: o anúncio de uma tsunami, que ameaça devastar uma pequena cidade litorânea, altera as perspectivas e relações entre os integrantes de uma família.

— Minhas peças sempre habitam esse lugar meio híbrido, entre a comédia e o drama. Mas “A outra cidade” é mais árida, mais estranha. É um drama com elementos de humor — diz o autor. — Se há uma relação com algum gênero, cabe mais à literatura, no sentido de uma aproximação com o realismo fantástico e com o imaginário da literatura latino-americana. Mas, ao contrário das outras peças, não há um ambiente que reproduza traços de uma determinada época.

Na montagem, acompanhamos a história de Valentin (Bernardo Marinho). Aos 14 anos, ele se põe a escrever um livro, “As aventuras do capitão Gonçalo no novo mundo”. Mas, durante o processo de escrita, volta e meia é assombrado pela presença da mãe, Ariela (Ludmila Rosa), que ele não chegou a conhecer e morreu durante o parto. Nas aparições da mãe e em suas conversas com o filho, a dramaturgia faz questão de não deixar claro se o que se dá entre ambos é resultado de mirações espirituais ou de inspiradas iluminações do jovem ficcionista. O elemento motivador e desestabilizador da trama, porém, não está localizado só na relação do protagonista com a morte da mãe e com seu possível espectro, mas principalmente no modo como a iminência da morte provocada pela tsunami altera as relações entre Valentin, seu pai (Sávio Moll), sua tia (Erica Migon), seu irmão mais velho (Sergio Módena) e a noiva deste (Branca Messina).

— O pai do menino é um filósofo absolutamente cético, que lida com a morte de um modo muito racional. Mas chega um momento em que ele é obrigado a se confrontar com certas questões espirituais — diz Brício. — No entanto, ele não está preparado para isso. Então há esses choques, conflitos e alterações no comportamento e na perspectiva de personagens a partir de uma proximidade com a morte.

A MORTE SOB OS OLHOS DA INFÂNCIA

A atmosfera apocalíptica de final dos tempos perpassa a montagem, suscitando reflexões diversas sobre identidade, memória e impermanência. Inquietações existenciais geralmente mais afeitas ao mundo dos adultos, a personagens mais velhos, mas que Pedro fez questão de deslocar e centralizar na figura de um menino de 14 anos.

— Escrevo sobre o fim do mundo sob os olhos de um garoto que tem uma relação muito forte com a morte desde que ele nasceu — diz. — É mais comum falar de morte sob a ótica de alguém mais velho, de alguém que está naturalmente mais próximo dela. Mas, fiz questão de trazer um outro olhar sobre esse tema. Tratar a morte sob a perspectiva de alguém que teria ainda a vida toda pela frente. ●

O VOO DAS PIPAS DE MARCELO JÁCOME

Artista dá salto na carreira ao ganhar exposições em Londres e Genebra

DEBORAH BERLINCK
Correspondente em Genebra
debora.berlink@oglobo.com.br

Marcelo Jácome cresceu no Rio como muitos garotos da Zona Sul: pipa nunca foi parte de seu universo. Avistou algumas pairando no céu carioca, mas jamais havia puxado uma linha. Hoje, são as pipas de Madureira, transformadas poeticamente em grandes instalações suspensas, que levaram este artista plástico de 33 anos a dar um salto espetacular e inesperado na carreira: de poucas mostras no Rio, as pipas cruzaram o oceano e estão planando, ao mesmo tempo, em dois espaços prestigiados de arte na Europa: na Saatchi Gallery, até 3 de novembro, em Londres, e no Espace_L, sob o título “Jeux de Couleurs”, até 8 de novembro, em Genebra.

Em Londres, a obra “Planos-pipas” ocupa sozinha uma sala gigantesca, de 8 por 23 metros, como parte da mostra “Paper”, uma coletiva com artistas que trabalham com papel. A Saatchi o descobriu assim. Durante a ArtRio, um representante da galeria, sem se identificar, entrou em seu ateliê na antiga fábrica de chocolates Behring,



DIVULGAÇÃO / LETICIA MACIEL

Aposta nas cores. Marcelo Jácome, com uma de suas obras, na galeria suíça Espace_L: ele também está em cartaz no Parque Lage e na londrina Saatchi Gallery

onde estão instalados dezenas de outros artistas, gostou do que viu e pediu seu cartão. O convite veio meses depois.

Jácome nunca havia estado em Londres. Desembarcou com 1.200 pipas, criou uma obra monumental, multicolorida, suspensa, que flutua como um dragão chinês se movendo em época de festa. O sucesso em Londres chegou aos ouvidos de Leticia Maciel, dona do Espace_L, em Genebra. Ela já tinha referências sobre ele. Só faltava confirmar. Foi assim que Jácome desembarcou na Suíça

diretamente de Londres. Em Genebra, que também não conhecia, viveu dia e noite com sua obra, literalmente. Dormiu na galeria para produzir não apenas uma instalação com 200 pipas, como também várias colagens em madeira com papel de seda — outra marca registrada sua. Nos dois lugares, o sucesso foi imediato.

Para Leticia, o trabalho de Jácome é “elegante e purificado”. Já Adon Peres, curador da exposição, definiu sua obra com a frase que o pintor francês Henri Matisse usou para des-

crever um de seus quadros: “calma, luxo e volúpia”.

— A calma, pela economia de meios que Marcelo utiliza. Tudo é muito despojado. Luxo, pela exuberância das cores. E a volúpia, pelo lado lúdico — interpreta Peres.

ARTISTA HÁ OITO ANOS

Jácome é artista plástico há apenas 8 anos. Antes era arquiteto e urbanista. Começou pintando. Depois, passou a incorporar no trabalho cores e formas de marcas urbanas, como grafite. Até o dia em que, inspirado pela técnica dos cartazes publicitários lambe-lambe que via espalhados pelos muros do Rio, passou a experimentar com o papel de seda (papel da fabricação da pipa), produzindo colagens sobre madeira como se fossem pinturas. Aí veio a vontade do arquiteto e urbanista: jogar o papel e as cores no espaço.

— Foi quando achei a pipa. Minha infância foi super urbana, Zona Sul, não soltava pipa. Mas, não sei, no Rio, a gente vê pipa... E quando me mudei para o ateliê na Zona Portuária, vi muitas pipas.

Antes de Londres e Genebra, Jácome já tinha vivido uma experiência internacional em 2012, quando criou a instalação “O Passadiço”, nos jardins da Fundação Calouste, em Lisboa. No Rio, ele ocupa agora a piscina do Parque Lage, com um trabalho novo feito com fitas de tafetá. ●

‘ARTPOP’

Lady Gaga finaliza novo álbum

Lady Gaga anunciou, ontem, pelo seu perfil no Twitter, que está finalizando ‘ARTPOP’, seu novo álbum, a ser lançado dia 11 de novembro. Até agora, o único single divulgado do novo disco foi “Applause”. No início do mês, Gaga pediu para os fãs escolherem a próxima música a ser divulgada. Ela cantou sete delas no iTunes Festival. ●

Canal on-line

YouTube lança programa de música

O YouTube acaba de lançar o primeiro episódio de seu novo programa de música, o “YouTube Trilhas”, com vídeos sobre o rapper Emicida, incluindo clipes, shows e bastidores. Até novembro, o site vai destacar ainda artistas como O Rappa, Jota Quest e Luan Santana, entre outros, na página youtube.com/apresenta. ●

VANESSA DAMATA
Turnê **VIVA** Tamara Fajardo

28 de Setembro
Amanã | 22h

APDIO NIVEA

25% DE DESCONTO* em compras de ingressos realizadas com cartões de crédito Citicard e Dinavis antes de 15/09/13. Não é cumulativo com outros descontos ou ações promocionais. Válido para todos os setores. Limitado a 4 ingressos por CPF. Classificação etária: 15 anos. Até 14 anos, com presença dos responsáveis.

EBBA COM MODERAÇÃO

Meios de Pagamento: CREDITCARD

patrocinadores oficiais: CREDITCARD, DINAVIS, ALLIANZ, AB-FM, TAF

ticketstforfun.com.br

4 anos à venda

Artista: Vanessa Damata

Artista: Vanessa Damata

Artista: Vanessa Damata